

# O que é Filosofia afinal?

É interessante e ao mesmo tempo triste observar os rumos para onde a Filosofia tem sido conduzida ao longo dos últimos séculos. Sobretudo após o surgimento das Universidades no fim do período Medieval.

Até meados do final do século XVIII, no limiar da modernidade, a Filosofia esteve diretamente associada à Ciência. Nesta época os pensadores das mais diversas áreas do conhecimento ainda eram considerados “filósofos da natureza”, justamente por se disporem a se dedicar com profundo afinho ao estudo de toda as subdivisões distintas das ciências nascentes: química, biologia, física, geologia, medicina, astronomia, etc.

Sendo sua prática uma referência, ou mesmo em deferência aos filósofos présocráticos que, apesar de não possuírem uma sistemática técnica como a criada por Sócrates séculos depois, inauguram uma incursão exploratória sobre o mundo físico em busca de respostas consistentes e mais próximas do que seria "A Verdade". Já que os mitos, objetos da credence popular e, até aquele momento, única fonte de sabedoria, já não mais supriam sua ânsia de conhecer e explicar o mundo a seu redor.

O vigor e a sagacidade do espírito destes neonaturalistas era de um entusiasmo tal que no decorrer do desenvolvimento de seus trabalhos, e mesmo por resultado direto de suas conclusões, conseguiram realizar uma unidade destas áreas dentro da universalidade dos saberes humanos.

Sua genialidade podia ser percebida ao tecerem e vincularem as mais dissonantes perspectivas, ao ligar pontos divergentes e encontrarem convergências improváveis. Sempre com vistas à transcender as limitações de sua parca humanidade finita, através de um incansável espírito desbravador e investigativo, através de um agir técnico: sistematizado, analítico, crítico e objetivo. Mas sem perder de foco a chama mística dos mistérios da vida e da morte.

William Bynum conta em sua obra *Uma Breve História da Ciência*, como em 1833 ocorre a separação terminológica que põe fim aos "filósofos naturais". Em uma reunião realizada em Cambridge pela Associação Britânica para o Avanço da Ciência (British Association for the Advancement of Science — BAAS), Willian Whewell, professor de mineralogia e filosofia no Trinity College e notório criador de novos termos (dos quais, como exemplo: anodo, catodo e ión), ao ser provocado pelo poeta romântico Taylor Coleridge sobre o equívoco dos membros da associação se autodenominarem “filósofos”, (apesar de se dedicarem exclusivamente às questões de ordem prática e técnica, atitude que destoava da natureza universal, abrangente e transcendental da Filosofia) acaba por concordar com poeta e conclui que a melhor analogia de seus trabalhos seria a realização artística dos grandes mestres da Arte ao longo da História. Sendo cunhado assim o termo que passará a designar os artistas das ciências ou de forma sintética: os cientistas.

Apesar do romantismo e candura presentes na passagem, existe nela uma tragédia subjacente, que reside no fato de que deste momento em diante toda a natureza investigatória e unívoca inerentes à Filosofia (sincretizadas historicamente pelo termo Metafísica) acaba por separar-se completamente e em definitivo das demais áreas do conhecimento. Ficando relegada quase que exclusivamente às religiões ou à literatura ficcional de autoajuda. Uma vez que o próprio elã metafísico será impelido à psicologia como área distinta, tornando-se objeto de Freud, Jung e seus posteriores.

De resto fica, além da solidão contemporânea, apenas a fria distância e o eco murmurado das vozes do passado àqueles que intentem buscar o método de autoconhecimento inaugurado por Sócrates, lapidado por Agostinho e resumido por Descartes em seu: cogito ergo sum.

Torna-se assim imperativo e categórico esclarecer que a dedicação à Filosofia, em sua conjuntura real e histórica exige mais do que a mera erudição livresca compartimentada. Muito ao contrário, torna-se obrigatório à quem através dela queira enxergar o mundo, que se assuma um compromisso integral e integralizador de vida inteira.

Não resta dúvida que ler e interpretar uma obra, compreender intelectual e conceitualmente um pensador exige bastante de qualquer pessoa que se dedique a tal empreendimento. O que já é, em si, uma grande realização!

Mas a magnitude da Filosofia, em seu apelo primevo e último, pede ao estudioso a vivência prática de tudo aquilo o que foi lido e absorvido durante cada segundo de sua vida. Revisitando conceitos, contrastando hipóteses e redesenhando significados. Todos efêmeros em sua maioria, posto que a busca da verdade é a certeza da dúvida constante.

Dito de outra forma: é mandatória a decodificação prática dos conceitos abstratos dos pensamentos ao serem aplicados à realidade do cotidiano social, afim de se testar as hipóteses e teses elaboradas ou apreendidas pelo filósofo. E, sobretudo, a contestação de tais postulados também à luz de um lastro experiencial concreto.

Os quais, respaldados na vida comum dos indivíduos que, observados em suas rotinas existenciais — donde encontra-se inserido também o estudioso da Filosofia — servirão de base para a própria análise e crítica da unicidade científicatória dos saberes acumulados ao longo de toda uma vida.

Isso é o que forma o espírito da filosofia: aprimorar a condição de existência humana dos indivíduos. Seja consigo mesmos (ética), com o meio em que estão inseridos (política) e dentro da melhor forma possível (estética). Em prol de um objetivo maior desconhecido, mas necessário de ser respondido (metafísica).

Assim, antes de rotular a Filosofia como saber inútil, com base meramente nas aberrações teoréticas de alguns de seus pseudo postulantes que, descolados da realidade social, elaboram teses estapafúrdias e sem o menor nexo experiencial, esteja convicto de que este agir se trata muito mais de uma especulação meramente sofística e axiomática do que de uma ação filosófica propriamente dita.

E que acaba por dizer muito mais sobre o mau-caratismo charlatão de quem desta prática se dedica do que da técnica filosófica milenar em si. Aquela que: liberta, instiga e promove o

saber de si no mundo e também a possibilidade de conhecer este mundo, sem deixar de considerar seus mistérios e enigmas.

Ao final, se ainda houver algum espírito com a disposição e a coragem de quebrar o lodoso concreto de suas convicções e se lançar de peito aberto a uma existência que nada têm a oferecer senão a angústia da dúvida e ânsia de respostas (com a única certeza de que nunca as encontrará por completo) só o que posso dizer é: